

CARTOGRAFIA LITERÁRIA: O SERTÃO NO *ROMANCE D'A PEDRA DO REINO DE ARIANO* SUASSUNA

Jossefrania Vieira Martins

Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

E-mail: jossehist@yahoo.com.br

Palavras-chave: Literatura. História. Sertão. Ariano Suassuna.

O conhecimento histórico atualmente tem a possibilidade de dialogar com diferentes saberes, visões de mundo e múltiplos discursos. A relação história/ literatura é prova desse engajamento interdisciplinar e da variedade de objetos disponíveis para serem pensados historicamente. Ou seja, sem o “medo arredo” que o *status* ofegante da cientificidade fazia trafegar pela história, campos de discussão, possibilidades de diálogos e objetos vastos passam a fazer parte do trabalho e do interesse do historiador. O foco histórico na literatura necessita, porém superar a herança moderna que a compreende como um discurso meramente fictício em face do teor verdadeiro e científico que condiciona o saber histórico.

Desse modo, percebe-se uma anterioridade da separação entre história e literatura. Tal separação decorre de uma constante reflexão acerca da história e de seu lugar no campo da ciência e sua condição narrativa. Enquanto narrativas e/ou formas discursivas escritas, a história e a literatura devem ser tomadas como formas de representação para além do ranço que as imprime reciprocamente estatutos de real e ficção. Todavia, sem reduzir à aproximação no que concerne somente as questões de formas narrativas, como a história pode tecer diálogos com a literatura?

De fato, é importante ressaltar que a literatura não é apenas uma fabricação fictícia, visto que, em sua elaboração, em sua visão de mundo transitam diferentes tramas humanas que devem ser compreendidas também como tramas da história. Tudo que é humano é histórico. Uma obra literária revela sempre uma forma de ver o mundo, o tempo e as relações humanas, em diferentes contextos agencia identidades e conceitos que não necessariamente estão deslocados da realidade social e histórica em que se situa a sua trama e a produção da mesma. Ou seja, contando-nos “histórias fictícias”, a literatura nos informa de realidades variadas e reescreve esses contextos

em perspectivas próprias, tal processo por si só já se revela histórico. Não somente é perceptível a presença da história, de momentos históricos, de fatos históricos que inspiram obras literárias, nelas também se descortina a historicidade no próprio processo de reescrita da experiência humana sob olhar artístico.

Vista desse modo, a literatura ultrapassa mera condição de fonte nas pesquisas históricas e passa a ocupar o lugar de “problema histórico”, pela complexidade do seu discurso, pelas representações que agencia em diálogo permanente com a realidade social e estar situada como uma prática cultural histórica.

No que concerne à história, é preciso superar o atrito comparativo com a literatura em relação à narratividade sempre evidenciado nos debates acadêmicos. A história não precisa competir com a literatura o lugar de uma escrita sobre os homens; não se trata, portanto, de a história na sua redefinição teórico-metodológica em face de seu caráter narrativo reduzir-se ao estatuto da linguagem puramente escrita igualando-se assim, à literatura.

Como destaca Jurandir Malerba (2006), a fronteira fundamental do conhecimento histórico diz respeito justamente a considerar os dois lados da história: a história como experiência e a história como elaboração escrita dessa experiência. Para tanto, tomar a literatura como objeto histórico não significa fugir de sua objetividade científica nem mesmo igualar as suas inclinações narrativas as da literatura. Os polêmicos e incessantes debates em torno dessa questão habitam a reflexão histórica. Na sua fase institucional, de inserção no campo das ciências a história defendeu o caráter de sua escrita: a elaboração de uma narrativa verdadeira, a história narraria verdades ocorridas (REIS, 2003). Todavia, entre os pós-modernos, em movimentos como a *linguistic tour* com a relativização do conceito de verdade e a constatação da história e da historiografia como fabricação/elaboração discursiva, uma nova visão imbricou-se no debate histórico: a escrita da história é – a exemplo da literatura – uma trama que também é demarcada por interstícios da ficção.¹ A história escrita pelo historiador é uma elaboração criativa. Esse retorno ao caráter narrativo, engenhoso e criativo da história a aproxima da literatura tomando-a como inspiração.

A relativização do processo que constrói uma narrativa histórica tem sua importância para além de um reducionismo do texto histórico ao texto literário. Mas do que comparar processos de elaboração discursiva do mundo e das relações humanas com a literatura, a história deve atentar-

¹ Um dos principais expoentes desse debate é Rayden White com a sua “meta-história”.

se para o caráter histórico das obras literárias, não as tomando simplesmente como obras-testemunhos de uma época, documentos que comprovam através de seu enredo diferentes eventos históricos. O historiador não deve buscar na literatura o traço eventual e cronológico que demarca sua armadura científica. Assim trabalhada, a obra literária perde a sua umbilical condição artística servindo apenas a constatação de fatos históricos.

O caminho que aqui buscamos acrescentar ao tratamento dado a literatura pela história verifica-se no sentido de ultrapassar o seu uso como fonte-testemunho. Propomos um olhar histórico sobre a obra literária que sem retirar-lhe o caráter artístico, busca problematizar a historicidade do discurso que a envolve. Mais do que um trabalho testemunhal, a pesquisa histórica que se debruça sobre a literatura percorre os caminhos da linguagem e do discurso, ou seja, na captação da historicidade que não apenas informa dada obra literária, mas que, sobretudo se encontra emaranhada em todo o seu contexto de produção.

Sendo assim, a escrita literária nos permite mergulhar no fundo dos sonhos e projetos de diferentes homens e épocas, oportunizando sua utilização enquanto fonte histórica. Todavia para além da fonte, pretendemos entendê-la [a literatura] enquanto uma visão de mundo, um instrumento de comunicação, cultura e arte. ‘Dissecar’ sim a *historicidade do texto*, mas também considerar a *textualidade da história*.² Assim, a relação história/literatura nos permite ainda aportar no debate ciência/arte que marcou a modernidade e que hoje nos oportuniza repensar os distanciamentos e as aproximações que tomam conta desse encontro. Nesse sentido, vastos objetos e a própria noção de narrativa e discurso tomam forma e se permitem à problematização. Como lembra Nicolau Sevcenko (1999),

a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção (SEVCENKO, 1999, p. 249).

A literatura é por excelência um campo de possibilidades, é um misto de discursos. Por vezes se apresenta em linguagem rebuscada demonstrando sua versatilidade, complexidade e genialidade; emerge do campo classificatório da irracionalidade nos provocando o gosto

² Discussão realizada por GALLAGHER; GLEENBLATT. *A prática do novo historicismo*. Bauru: EDUSC, 2005.

desafiador pela ficção. Mas, ficção e realidade caminham juntas e a literatura não é apenas feita de ficção, ao contrário ela subsidia para a história um contato sem igual com realidades e inventividades, pois até mesmo o conhecimento histórico descobriu que a verdade é um conceito cultural e móvel.

Partindo de tais reflexões aportamos na produção literária de Ariano Suassuna, mas especificamente no *Romance d'A Pedra do Reino*, publicado em 1971. De modo geral, buscamos problematizar a historicidade de um discurso literário no modo como ele agencia e produz uma representação de uma dada espacialidade. Para tanto, tomamos como objeto a representação do sertão no *Romance d'A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, nossa reflexão caminha no sentido de revelar a historicidade que contorna essa construção discursiva em torno de tal espaço.

Afinal, como o sertão é visualizado, enfocado, representado no referido romance? Como o olhar sobre o sertão em tal romance localiza-se em relação conjunto da produção literária de seu autor? Como o sertão exposto no *Romance d'A Pedra do Reino* (2007) interliga-se ao universo particular de seu autor, ou seja, como se relaciona às tramas de sua vida? Por fim, como podemos verificar uma historicidade da visão de sertão de Ariano Suassuna?

Através de um texto literário, o *Romance d'A Pedra do Reino* (2007), nos enveredamos na representação do sertão realizada em discurso por Ariano Suassuna. Há uma relação entre o discurso escrito e a sua exterioridade, pois a história também é feita de discursos e estes partem de lugares e atores sociais específicos. Na análise do discurso é preciso apreender a sua historicidade, ou seja, “trata-se, por sua vez, de pensar a materialidade do sentido e do sujeito, seus modos de significação” (ORLANDI, 1990, p. 29).

Essa produção discursiva é o labirinto muitas vezes denunciador de uma escrita de si que manifesta e constrói uma escrita da história (FOUCAULT, 1992). Portanto, não se deve tomar a literatura somente como um discurso fictício e sem relação com o real, a história, o tempo e as experiências dos sujeitos, ao contrário, os estudos históricos devem aportar no campo literário compreendendo a sua especificidade, como alerta Sevcenko (1999):

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo (SEVCENKO, 1999, p. 233).

Nos caminhos da história sempre há espaço para as memórias e desejos literários. A literatura é uma visão de mundo reflexiva que contorna simbolicamente a realidade que anima e orienta suas páginas. Nesse jogo travado entre realidade e discurso, campos de interesses são articulados e histórias são produzidas, a pluralidade da vivência humana exala sobre o historiador as mais distintas manifestações de historicidade, e a literatura é um canal peculiar de tais manifestações.

Ao buscamos a historicidade do sertão construído e moldado pelo olhar de Ariano Suassuna, entendemos tal produção em uma mescla contínua que produz uma representação desse espaço entre a visibilidade de suas imagens concretas e como estas se misturam à imaginação, as fantasias, aos desejos e memórias projetando tal espaço entre o “real” e o “maravilhoso”.³

Cabe destacar que o espaço que perseguimos em nossa pesquisa situa-se em um texto literário, ou seja, é uma construção discursiva, uma imagem idealizada e significada no decoro e na liberdade que as palavras têm no fazer literário. Sendo assim, os espaços também são construídos historicamente pela produção escrita, eles também são objetos das mais distintas formas discursivas e a própria dimensão narrativa dos espaços tem uma historicidade. Aportamos então, nos espaços construídos na discursividade da literatura observando a tonalidade histórica dessa produção.

Tal construção discursiva em torno do sertão se apresenta para nós como uma “representação”, ou seja, cenários e cenas articulam-se textualmente de modo a compor um rosto, uma idéia-síntese, uma configuração – em nosso caso, “espacial”. O problema da representação envolve, segundo ressalta Roger Chartier (2002), um próprio redimensionamento do saber e da prática históricos. Situado no âmbito da história cultural, o conceito de representação implica um olhar sobre as práticas que organizam e orientam a realidade social. As “lutas de representação” evocadas por Chartier (2002, p. 73) remetem “às estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de

³ A representação do sertão como “espaço maravilhoso” no romance em questão de Ariano Suassuna está condensada na idéia de “reino”, é esta metáfora que sintetiza a noção do maravilhoso e que também tem por suas características a função de “maravilhar” habitando a fronteira entre o real e a ficção. A noção de “reino” está vinculada ainda as tradições míticas, as suas narrativas, ao universo messiânico e milenarista, que constrói espaços utópicos situados para além da realidade, mas que se instauram na realidade sob forma de crença, esperança (GREENBLATT, 1996). Sendo assim, esse “reino” interliga-se as expectativas que produzem visões de mundo alicerçados nas demandas por paraísos edênicos, ilhas encantadas. Tradições que bebem na cultura cristã, e nos espaços criados por suas expectativas.

sua identidade”. Portanto, representação implica poder, significação e identificação, tornando-se um elemento essencial na análise cultural, na operacionalidade dos conceitos, ou seja, no modo como conceituamos e atribuímos valor as experiências vividas ou imaginadas.

Para tanto, representação evidencia um olhar sobre o mundo em seu sentido mais amplo. Como destaca Schopenhauer (2001, p. 09), “o mundo é a nossa representação”, ou seja, existe uma dimensão simbólica que organiza e orienta a nossa visão e a nossa relação com o mundo. O sujeito opera sobre o mundo, ele o nomeia, o significa, o envolve de uma carga de significações que produzem um modo de estar e de viver no mundo. Isso nos remete a uma reflexão: o mundo é um discurso. Um discurso cercado do vivido e do imaginado, do sonho e da matéria, da vida e da morte.

Desse modo, no âmbito da história a representação surge como horizonte conceitual na compreensão do próprio processo de elaboração das imagens do mundo, à produção de realidades, à captação do real em sua transcrição prática e discursiva, visto que representação e discurso entrecruzam-se na elaboração conceitual do mundo e das experiências humanas. Discursos criam representações, que por sua vez corroboram discursos outros, e aqui retornamos as “lutas de representação” aludidas anteriormente por Chartier (2002).

A literatura, portanto pode ser compreendida como uma representação da realidade, tal representação possui ainda um conteúdo histórico, uma historicidade peculiar. Através de seu discurso, das teias que o envolvem, o fazer literário é ao mesmo tempo uma representação do mundo e fonte produtora de representações diversas do mundo.

A nossa compreensão de representação a situa especialmente no âmbito do discurso, em nosso caso, o discurso evidenciado na literatura. Sendo assim, na trama que envolve a fabricação de representações mergulhamos na historicidade de uma representação literária do espaço. Interessa-nos o processo que constrói uma representação do sertão no *Romance d’A Pedra do Reino*, processo este, que interliga o autor (SUASSUNA, 2007) e uma racionalidade própria de seu discurso, de sua obra. É preciso ressaltar ainda que o discurso produz representações espaciais e o espaço é objeto de representação, de significação e de identificação.

Como destaca Sevckenko (1999, p. 246): “O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor”. No caso da elaboração discursiva do sertão no *Romance d’A Pedra do Reino* (2007), é perceptível uma interação entre autor, vida e obra. Suassuna transporta dramas e questões do mundo para o sertão,

tornando-o um cenário conjugado a cenas universais, espaço que por sua própria condição sintetizaria realidades diversas na visão de Suassuna. O sertão torna-se então o grande centro do drama humano universal e será o cenário de toda a obra teatral, poética e literária de Ariano Suassuna, é nesse espaço que a sua visão moralizante do mundo e das relações sociais se representará nas histórias e nos personagens. O sertão é então esse espaço dúbio, do caos inaugural expresso pela dramática realidade social que o pulveriza e ao mesmo tempo é o “caminho” da travessia esperançosa, dos sonhos latentes, da imaginação afluída.

A literatura passa a ser um modo de lidar com o “real”, de resignificá-lo. A relação entre literatura e espaço pode ser percebida nos mais distintos âmbitos, pois a literatura nesse trabalho que se verifica na fronteira entre o real e a ficção produz suplementos espaciais: espaços de sonho, de encantamento, gestados não apenas por uma estética da escrita, mas pelo próprio conceito que o autor tecerá do mundo alicerçado pela imaginação, pela inspiração e pelo desejo.

O *Romance d’A Pedra do Reino* (2007) é inundado de história, apesar da perspectiva de seu autor estar centrada na negação da própria história, trabalho empregado pela memória. Mesclando fatos históricos como a Coluna Prestes (1926), a Guerra de Princesa (1930) e a Intentona Comunista (1935), Suassuna os interliga na trama ao mistério que ronda o enigma da demanda novelosa narrada por Quaderna e confluem no período da Revolução de 1930, a qual é também um desdobramento da Guerra de Princesa ocorrida nos sertões paraibanos.

Nesse emaranhado de fatos históricos encontra-se o fato trágico que demarca a vida de Ariano Suassuna: a morte de seu pai, assassinado em meio aos conflitos políticos concentrados e disseminados nesses fatos.⁴ Interliga-se a história da Paraíba à história do Brasil no plano político, a ação comunista e também os eventos messiânicos de um século antes bem como a alusão aos eventos messiânicos ocorridos nos sertões por todo o decorrer do século XIX e ainda nas primeiras décadas do século XX.

Mas a historicidade de tal obra não se encontra revelada apenas pela presença desses eventos na narrativa, mas na recriação dos mesmos. Uma reelaboração que coloca em cena o sertão como espaço protagonista conjugando-o a essa série de fatos redirecionados em favor de um olhar sobre a realidade e a cultura. Redescobrir implica na obra de Suassuna (2007), uma recriação que está pautada na perspectiva do sertão como espaço governado pela tradição:

⁴ O pai de Ariano Suassuna, o presidente João Suassuna, governou a Paraíba de 1924 a 1928. Em 1930, quando era deputado, foi assassinado por motivos políticos. Sua morte é interligada a morte do então governador da Paraíba, João Pessoa culminando assim, no processo que desencadeou a Revolução de 1930.

tradições populares envoltas de uma hierarquização erudita. A experiência pessoal no contexto do sertão, a visualização de seus aspectos tradicionais elucidados nas manifestações populares, os eventos políticos e messiânicos que demarcam a historicidade desse espaço, as referências de toda a sua criação literária, todos esses aspectos corroboram para a recriação suassuniana do sertão sob a marca do maravilhoso.

Como lembra Farias (2006) uma mescla de eventos políticos e eventos messiânicos situa o sertão no cerne de uma tensão entre as marcas da história e do mito demarcada pela temática do sebastianismo presente na obra. Há também uma fusão de espaços distintos, como, por exemplo, a Península Ibérica envolta de suas raízes medievais, a fronteira entre os sertões da Paraíba e Pernambuco, os espaços sacralizados nas narrativas bíblicas como o deserto da Judéia, a conexão entre os lajedos da Pedra Bonita em Pernambuco e aridez de Taperóa. Enfim, coabitam na idéia de sertão toda uma gama de realidades temporais e espaciais na tentativa de harmonizá-las num só discurso. O sertão passa a ser então, o cenário que abriga as lutas e dramas das mais distintas realidades geográficas.

É preciso destacar que Ariano Suassuna assumidamente faz ficção (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001) e assume esse gênero como estratégia de formulação dos mais diversos conceitos acerca dos mais variados temas, dentre eles o sertão. O seu romance sobre o qual nos debruçamos, tem uma finalidade estética, artística e política: trazer a tona uma visão dos dramas humanos encenados no sertão, provocar o olhar nacional rumo às terras secas e pedregosas do sertão, maravilhar a todos diante da grandeza e nobreza do seu sertão.

O Romance d'A Pedra do Reino (2007) é, portanto, um convite a compreender as faces bandeirasas e poéticas que constroem o sertão como um grande reino erguido pela pedra, esta ilustra não apenas o ambiente natural, mas é o marco de um modo de ver o mundo, um modo de reinventar referências culturais. O sertão é uma explosão de imagens de um mundo petrificado, concebido e explicado pela pedra: seu silêncio e seu drama. Ao estilo circense, o rei e palhaço Quaderna, apresenta roteiros múltiplos que governam a vida humana tornando-a um verdadeiro espetáculo. Sertão: um reino erguido pela e para a pedra. Universo contraditório, porém literariamente harmonizado nas visões de Quaderna e Ariano. O reino de Quaderna mescla-se ao castelo de sua obra poeticamente inspirado nas fagulhas das imagens experienciadas, memorizadas, atravessadas:

Por isso, o Mundo não me parecia mais como um animal doente e leproso, como um lugar sarnento e pardo, nascido do Acaso, mas sim como um Sertão glorioso, fundado na Pedra, ao mesmo tempo harmonioso e ardente. Do mesmo modo, a parte deste Mundo que me fora – o Sertão – não era mais somente o “sertão” que tanta gente via, mas o Reino com o qual eu sonhava, cheio de cavalos e Cavaleiros, de frutas vermelhas de Mandacaru reluzentes como as estrelas de metal ostentadas nos estandartes das Cavalhadas ou nos chapéus de couro usadas pelos Tangerinos, Vaqueiros e Cangaceiros, os Fidalgos da minha Casa Real, com suas coroas de couro de Barão. O próprio Deus não era mais aquele sopro tênue das outras religiões: aparecia-me como a Santíssima Trindade Sertaneja, um sol ardente e glorioso, formado por cinco animais num só. Era a Onça Malhada do Divino, integrada por cinco bichos: a Onça-Vermelha, a Onça-Negra, a Corça Branca e o Gavião de Ouro, ou seja, o Pai, o Encourado, o Filho, a Compadecida e o Espírito Santo (SUASSUNA, 2007, p. 561).

A elaboração discursiva do sertão como espaço maravilhoso encontra-se na metáfora idealizada do “reino”. Um reino armorial, heráldico. O sertão, o romanceiro (como símbolo da relação da tradição ibérica e sertaneja), a morte do pai, as tradições populares, os fatos históricos recriados, tudo isso se apresentará como matéria prima para a identificação desse espaço como “maravilhoso” metarofizado na noção de reino.

Portanto, como demonstrado ao longo dessas páginas, a consideração da literatura como problema histórico traz à cena a peculiaridade de sua visão de mundo, percebendo como o seu discurso agencia representações, significações e identidades que estampam a nossa realidade social e histórica. O caso do *Romance d’A Pedra do Reino* (2007) evoca a complexidade das representações do sertão presentes no discurso de Suassuna, que jamais pode ser compreendido como um discurso inocente, mas que pelo contrário deve revelar a sua engenhosidade e a sua captação e resignificação da arte, da vida e da história.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: FJM, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRES, 2002.

FARIAS, Sônia Lúcia R. *O Sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2001. v. V, p. 144-162.

GALLAGHER, C.; GLEENBLATT, S. *A prática do novo historicismo*. Bauru: EDUSC, 2005.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: _____. (Org.). *A história escrita: teoria e metodologia da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, Eni Palcinelli. *Terra a Vista: discurso do confronto entre o novo e o velho mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990 (Biblioteca de educação, série 5; Estudos de Linguagem, v. 5).

REIS, José Carlos. *História e Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.